



Por uma práxis transformadora de base informacional: diálogos com o Marxismo a partir da história da Ciência da Informação

For an information-based transforming praxis: dialogues with Marxism on the basis of Information Science history

Carlos Robson Souza da Silva 

Doutorando em Ciência da Informação
Universidade Estadual de Londrina, Brasil
crobsonss@gmail.com

Luciane de Fátima Beckman Cavalcante 

Doutora em Ciência da Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
luciane.cavalcante@facc.ufrj.br

Resumo

Discute as relações entre a história epistemológica da Ciência da Informação e o capitalismo contemporâneo de maneira a propor uma práxis transformadora de base informacional. Objetiva delinear a gênese e o desenvolvimento histórico da Ciência da Informação, analisar a relação entre o desenvolvimento da Ciência da Informação com a reestruturação do capitalismo contemporâneo e discutir de que maneira é possível adotar os pressupostos e as categorias de origem marxista na busca por uma práxis transformadora de base informacional. Trata-se de uma pesquisa teórica, exploratório e qualitativa, com base em fontes bibliográficas. Discute as relações históricas da Ciência da Informação com o Positivismo e o pensamento pós-moderno e aborda como as relações podem ser associadas ao desenvolvimento contemporâneo do capitalismo. Conclui que, no pensamento marxista, a Ciência da Informação pode encontrar uma referência teórica, epistemológica e metodológica capaz de reumanizar a informação, pôr em xeque projetos de sociedade excludentes e desenvolver uma práxis transformadora de base informacional.

Palavras-chave: Ciência da Informação; Epistemologia; pensamento marxista.

Abstract

It discusses the relationships between the epistemological history of Information Science and contemporary capitalism in order to propose an information-based transformative praxis. It aims to outline the Information Science's origin and historical development; analyze the relationship between the development of Information Science and the restructuring of contemporary capitalism; and discuss how it is possible to adopt assumptions and from the Marxist thought in the search for a transforming praxis based on information. This is a theoretical, exploratory and qualitative research, based on bibliographic sources. It discusses the historical relations of Information Science with Positivism and Postmodernism and discusses how the relations can be associated with the contemporary development of capitalism. It concludes that in Marxist thought, Information Science can find a theoretical, epistemological and methodological reference capable of re-humanizing information, calling into question exclusionary societal projects and developing an information-based transformative praxis.

keywords: Information Science; Epistemology; marxist thought.



doi: [10.28998/cirev.2024v11e17108](https://doi.org/10.28998/cirev.2024v11e17108)

Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 30/12/2023

Aceito em: 06/02/2024

Publicado em: 11/02/2024

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce das reflexões teóricas e epistemológicas desenvolvidas em pesquisa de Doutorado sobre “Mediação e Competência em Informação na Educação Profissional e Tecnológica”. Os tópicos principais da pesquisa, mediação da informação e competência em informação, são conceitos que, apesar de conversarem com outras disciplinas, como a Comunicação Social e a Educação, possuem maior escrutínio, discussão, elaboração, reelaboração e disputa na Ciência da Informação.

Entretanto, ao situar tais tópicos no âmbito da Ciência da Informação, deparou-se com a necessidade de se adotar, dentre a profusão de perspectivas sobre a sua definição, objeto de pesquisa e natureza, aquela que permitisse aos pesquisadores empunhar de forma crítica lentes para lidar com os problemas informacionais que deram início e que propulsionam a investigação na área. Como primeiro passo nesse sentido, adotou-se um ponto de vista social dos estudos informacionais de forma a defender a concepção de que a própria Ciência da Informação deva ser entendida como uma Ciência Social (Araújo, 2018).

Ao assumir tal ponto de vista, considerou-se também ser necessário adotar dentre a diversidade de correntes de pensamento existente no contexto das Ciências Sociais - como o positivismo, o funcionalismo, a teoria sistêmica, o estruturalismo, a fenomenologia, a hermenêutica e a teoria crítica - uma posição epistemológica que com ele corroborasse. Nesse sentido, escolheu-se o pensamento marxista, incluindo-se aqui o desenvolvido tanto por Marx e Engels como por seus sucessores, entendendo que a partir das categorias trazidas por tal pensamento pode-se desenvolver uma visão crítica das relações entre trabalho, informação e educação tão caras à pesquisa em desenvolvimento.

Como afirmado acima, o pensamento marxista se refere tanto ao produzido no século XIX pelos sociólogos alemães Karl Marx e Friedrich Engels, como aquele desenvolvido ao longo dos séculos pelos seus sucessores, como Antônio Gramsci, Georg Luckacs, Rosa Luxemburgo, Angela Davis, Caio Prado Júnior e Florestan Fernandes. De acordo com o Dicionário do Pensamento Marxista (1988, *sem paginação*), de forma geral, a obra de Marx pode ser concebida “[...] fundamentalmente, se não exclusivamente, como uma crítica da economia política do ponto de vista do proletariado revolucionário e como uma concepção materialista da história.” Além disso, sua contínua apropriação no Ocidente e nos países sob sua influência, se dá pelo fato de que ele permaneceu “[...] aberto para outros avanços, não marxistas, nas ciências sociais, na filosofia e em outras disciplinas”, como é a proposta de sua apropriação aqui na Ciência da Informação.

Entretanto, ao adotar o pensamento marxista como posição epistemológica para estudar a Ciência da Informação, tornou-se inevitável o surgimento de outra diversidade de questionamentos. Para sanar essa situação escolheu-se, como ponto de partida, desenvolver o presente trabalho, enfocando-se em uma pesquisa que seja capaz de responder à seguinte questão: de que maneira a apropriação e o uso do pensamento marxista pela Ciência da Informação podem contribuir para a compreensão crítica de sua natureza, objeto e práxis diante do contexto marcadamente informacional do capitalismo contemporâneo e de suas contradições?

Diante deste questionamento, apresenta-se aqui como objetivos: a) delinear a gênese e o desenvolvimento histórico da Ciência da Informação; b) analisar a relação entre o desenvolvimento da Ciência da Informação com a reestruturação do capitalismo contemporâneo; e c) discutir de que maneira é possível adotar os pressupostos e as

categorias de origem marxista na busca por uma práxis transformadora de base informacional.

Para alcançar os objetivos, trilhou-se uma pesquisa teórica com base em fontes bibliográficas, de caráter exploratório e de abordagem qualitativa, que articula autores da Ciência da Informação e os preceitos de origem marxista, ou seja, desenvolvidos por Marx, Engels e seus sucessores. Os autores foram selecionados por amostragem intencional recolhida através de levantamento bibliográfico, dando-se maior atenção aos materiais cujo título e resumo condissessem com os interesses supracitados. A exposição dos resultados pode ser encontrada nas seções a seguir.

2 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO COMO FRUTO DO TRABALHO CIENTÍFICO INFORMATIVO

A Ciência da Informação começa a tomar forma em meados do século XX, como resultado de uma série de condições históricas que já deslumbravam a possibilidade de tratar a informação como elemento central no processo de tomada de decisão estratégica de governos e de empresas na busca pela dianteira no jogo de disputas por hegemonia política e econômica. Dentre as condições históricas que deram espaço para que se formasse uma Ciência da Informação, Le Coadic (1996) identifica pelo menos três: o desenvolvimento da produção e das necessidades de informação científicas e técnicas; o surgimento do novo setor industrial das indústrias da informação; e o surgimento das tecnologias eletrônicas e fotônicas da informação.

Freire e Freire (2015) destacam ainda que esse quadro se intensificou principalmente após as profundas mudanças na sociedade trazidas pelo fim da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, conhecido como Guerra Fria, “[...] a informação passou a ser percebida não somente como um representante do conhecimento, mas como atividade produtiva em si mesma, ou seja, um campo de trabalho científico com sua própria cadeia produtiva.” (Freire; Freire, 2015, p. 16).

Neste contexto, começou-se a se delinear a necessidade de um trabalho científico informativo que desse à prática científica um novo olhar sobre os processos de produção, tratamento, organização e distribuição da informação científica, contribuindo para o aumento da qualidade da informação e dos serviços de informação disponibilizados para a comunidade. Tais informações e serviços passaram a ser essenciais para que as pesquisas avançassem com maior velocidade e as inovações no campo da Ciência e da Tecnologia tivessem maior efeito sobre a economia na criação de bens e serviços.

Entretanto, é necessário compreender esse panorama histórico sob uma perspectiva crítica. É importante frisar que, apesar das transformações sentidas no campo dos estudos relacionados à informação no pós-guerra, esses estudos são fruto de um processo de longa duração, que remonta à própria história da humanidade, mas que é inegável ter assumido novos contornos através de uma especialização de cunho tecnológico.

Evidente na proposição da Ciência da Informação é, portanto, uma disputa entre os “trabalhadores científicos informativos” sobre qual lugar no campo dos estudos informacionais teria maior capacidade de lidar com as dinâmicas informacionais contemporâneas. O principal argumento seria o fato de que Ciência da Informação superaria disciplinas anteriores como a Biblioteconomia, a Bibliografia e a Documentação, pois, enquanto estas se preocupavam apenas com práticas e técnicas, a Ciência da Informação iria

além, buscando apreender o fenômeno informacional em uma perspectiva teórica e científica.

Mas, apesar de apresentar uma solução para um possível problema, o que essa definição gera é o surgimento de duas questões: a primeira relacionada ao posicionamento dos diversos atores no campo do saber informacional, dividindo-se entre aqueles supostamente ligados ao trabalho manual (Bibliografia, Biblioteconomia, Documentação) e aqueles ligados ao trabalho intelectual (Ciência da Informação); o segundo relacionado a um paradoxo em que submete tais posições divergentes a não poderem existir uma sem a outra, para não se perderem no vazio do que podem representar (Saldanha, 2020).

Para superar essas contradições, os pesquisadores ligados à construção da Ciência da Informação, não só em seu surgimento, mas ao longo de sua trajetória, buscaram tratar de seu objeto de pesquisa, a informação, com maior afinco, no intuito de compreendê-la como fenômeno, sob uma perspectiva teórica. E isso se dá inicialmente tomando empréstimos de resoluções sobre o tema desenvolvidas em outras ciências, principalmente as da natureza, como era comum nas chamadas Ciências Sociais em meados do século passado.

3 O POSITIVISMO E A BUSCA PELA CIENTIFICIDADE DOS ESTUDOS INFORMACIONAIS

Para se diferenciar das demais disciplinas que tratam da informação e dos processos a ela relacionadas e se institucionalizar enquanto ciência, os pesquisadores que estavam construindo a Ciência da Informação, apoiaram-se inicialmente no chamado positivismo (Freire; Freire, 2015; Araújo, 2018; Saldanha, 2020). O positivismo enquanto corrente filosófica e epistemológica tinha como teses principais: o entendimento da ciência como único conhecimento possível; a utilização do método científico para a descrição das relações entre os fatos baseados em leis; e a ideia de que as propostas dessa corrente poderiam ser aplicadas a todas as áreas do conhecimento, sejam elas naturais ou sociais (Abbagnano, 2007).

Neste contexto, como afirma Le Coadic (1996), os primeiros conceitos de informação a distanciavam de explicações que a entendessem como fruto das relações não-controláveis humanas e a aproximavam de propostas já estabelecidas na Física, na Biologia e na Química, sob a mediação da Matemática. Passou-se, então, a adotar uma visão “fiscalista” da informação, principalmente sob a égide da Teoria Matemática da Informação de Shannon e Weaver. De acordo com Araújo (2018, p. 21), sob essa perspectiva “[...] a ciência da informação acabou realizando uma redução de seu objeto de pesquisa, considerando apenas os aspectos fisicamente observáveis e mensuráveis da informação [...]”.

Estudos métricos de informação e estudos sobre recuperação da informação, por exemplo, se tornariam essenciais para demonstrar que a Ciência da Informação tinha um objeto de estudo concreto, que se comportava de acordo com leis e que, por se comportar de acordo com essas leis, poderia ser observado e descrito.

Deve-se destacar, porém, que ao se alinhar aos ditames do positivismo, a Ciência da Informação não estava apenas assumindo uma posição epistemológica, estava também se propondo a pôr em prática um projeto de sociedade. No positivismo, de acordo com Abbagnano (2007), o progresso é vislumbrado através da ciência. A Ciência da Informação assume assim a posição de colaborar com esse progresso em um ambiente de disputas, propondo-se a “controlar” a “explosão informacional” e garantir que as informações sejam utilizadas em prol da vitória dos grupos hegemônicos.

Isso se intensifica com a derrocada dos estados socialistas europeus iniciada na década de 1980 e a possibilidade de o capitalismo avançar rumo ao controle total das dinâmicas socioprodutivas no mundo. Nesse contexto, a necessidade de se mostrar indispensável para a sociedade se torna mais evidente e a Ciência da Informação, assim como as outras ciências, passou a ter de encontrar novas formas de não ser deixada de lado no jogo científico, assumindo até mesmo, se necessário, uma posição de negação ao positivismo, revestindo-se de ares pós-modernos.

Apesar disso, ao assumir tal posicionamento no jogo científico, a Ciência da Informação poderia vislumbrar sua diferenciação enquanto ciência, afastando-se de vez do trabalho manual tão característico das outras disciplinas que lidam com a informação, tornando-se indispensável para a sociedade atual e atrelando-se sempre aos ditames do que a comunidade determina como o que pode ser ou não considerado ciência.

4 O PENSAMENTO PÓS-MODERNO E O RECONHECIMENTO DA COMPLEXIDADE DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Apesar de o positivismo ser detectável nos primórdios da história epistemológica da Ciência da Informação, é a corrente pós-moderna que será assumida como referencial para a determinação de sua natureza, de seu objeto e de sua prática científica pela maioria dos autores renomados na área. A visão pós-moderna se caracterizaria como uma série de correntes do pensamento que possuem como objetivo pôr em xeque os ideais modernos ligados à razão e ao progresso, em busca de um pluralismo de ideias associado à superação de metarranativas, ou seja, explicações da história consideradas totalizantes, e à valorização de outros tipos de conhecimento além do científico para explicar a realidade (Sousa *et al.*, 2022).

O pós-modernismo surge assim como uma corrente do pensamento que busca evidenciar que o “modo moderno” de se pensar a realidade não conseguiria mais abranger a diversidade de experiências socioculturais e tecnológicas vivenciadas na nossa realidade. Diferente do pensamento moderno, em muito ainda defendido pelo positivismo, voltado à defesa da razão como único método de definição da verdade, do progresso e da neutralidade, a Ciência Pós-Moderna, de acordo com Sousa *et al.* (2022, p. 67), “[...] entende que o comportamento humano é subjetivo e passa a ser reconhecido como elemento parte da natureza e, assim, lança mão de métodos qualitativos em detrimento de métodos quantitativos, as divisões perdem espaço para visões integrativas.”

Ao assumir-se como ciência pós-moderna, a Ciência da Informação pôde dar, portanto, um passo mais largo na busca por sua aceitação na comunidade científica, uma vez que a sua aproximação aos ditames das correntes pós-modernistas de pensamento permite com que ela se alinhe às possibilidades de ruptura que estas provinham para as ciências que estava surgindo em meados da década de 1970. Ciências que tinham como principais características: suprirem a necessidade sentida na academia de dar respostas aos novos problemas que as ciências já estabelecidas não conseguiam mais resolver (Wersig, 1993), serem resultantes das questões que giravam em torno da virada tecnológica pautada na informação percebida no capitalismo industrial (Francelin, 2004) e recorrerem à interdisciplinaridade para o trato metodológico e teórico de seus objetos de pesquisa (Sousa *et al.*, 2022).

No primeiro caso, Wersig (1993) aponta para o fato de que o sucesso das ciências clássicas, ou seja, modernas, fez com que elas gerassem novos medos à humanidade, dentre eles a poluição ambiental, as tecnologias genéticas, a inteligência artificial, desembocando na necessidade do desenvolvimento de novos campos do saber que lidem com essas consequências. A Ciência da Informação, por exemplo, seria resultante da necessidade de se lidar com a “explosão informacional” decorrente do avanço das novas tecnologias da informação e da comunicação.

No segundo caso, a virada tecnológica permitiu à Ciência da Informação estabelecer seu lugar no mundo, que já vinha sendo pavimentando desde sua preocupação primordial com a recuperação da informação. Isso porque as correntes pós-modernas concebem a realidade atual como pós-industrial, uma vez que uma “[...] das principais características da era pós-moderna é a sua intrínseca relação com o advento das novas tecnologias [sic], ou seja, quase todo o sistema funcional e intelectual, que possa fazer parte do cotidiano, ser tratado pela ótica cibernética.” (Francelin, 2004, p. 103).

Seja em seu nível teórico ou em seu nível aplicado, as reflexões e as práticas desenvolvidas na Ciência da Informação incorreram em formas de compreender as dinâmicas que envolvem a relação entre as novas tecnologias da informação e os sujeitos, influenciando subáreas como a Recuperação da Informação, a Automação de Sistemas de Informação e o surgimento de outras como a Gestão da Informação e do Conhecimento.

Por estar alinhado inicialmente aos ditames da cibernética, esse momento acompanhará também a virada cognitiva da área em que a informação permanece ainda entendida como coisa, mas como coisa que modifica as estruturas cognitivas dos sujeitos. Sob a perspectiva cognitiva, a informação entendida como a “[...] medida da alteração [do] estado de conhecimento, ou, em outros termos, o produto da interação entre os dados [os elementos presentes da realidade independente dos sujeitos] e o conhecimento [aquilo que os indivíduos sabem ou conhecem] no âmbito do indivíduo.” (Araújo, 2018, p. 42).

Os sujeitos que antes não eram foco dos estudos informacionais passaram a ser postos sob análise. Estudos de necessidades e comportamentos dos usuários de informação se tornaram mais recorrentes, acompanhados da criação de modelos que pudessem apreender tais necessidades e comportamento a fim de prevê-los. Uma forma de prevê-los pode ser percebida, por exemplo, nas teorias e nas práticas que se debruçaram sobre a possibilidade de se desenvolver competência em informação, de se gerir o conhecimento e de se apreender os comportamentos informacionais, visando preparar os sujeitos para atuar com mais desenvoltura na sociedade da informação.

Tal realidade tornou possível à Ciência da Informação, como no terceiro caso supracitado, experimentar novas metodologias e avançar na discussão sobre a abrangência epistêmica de sua área, exigindo um pensamento plural (Francelin, 2004) e holístico (Sousa *et al.*, 2022). Neste caso, a Ciência da Informação buscou superar o paradigma estritamente fisicalista da área e encaminhar-se para uma possibilidade de se compreender a informação e os fenômenos a ela relacionados sob uma abordagem mais social. Aspectos como a subjetividade e as questões sociais se tornaram mais importantes e a possibilidade de se adotar metodologias mais qualitativas passou a ser mais aceita, fazendo-se “[...] necessário um olhar mais humano no âmbito das Ciências, evidenciando a complexidade.” (Sousa *et al.*, 2022, p. 66).

Sousa *et al.* (2022, p. 69) acrescenta: ainda que:

No limiar dessas transformações nota-se na Teoria Social e nos autores de base conceitual sob uma perspectiva pós-moderna, que a pós-modernidade aceita o descentramento das narrativas e dos sujeitos contemporâneos, reivindicando assim o combate à opressão dos marginalizados e subalternos nas relações sociais distintas, tendo como expressão o surgimento, a partir dos anos 1960, de movimentos que teceram um olhar para além da questão operária marxista, trazendo outras perspectivas de estudos.

Para a Ciência da Informação, isso significou a necessidade de se desenvolverem estudos que refletissem sobre o que seria e para quem seria o projeto da Sociedade da Informação, discutindo temas como acesso à informação e a democratização da informação. A mediação da informação também passou a ser temática recorrente, tratando do papel dos profissionais da informação no efetivo acesso e uso da informação. A decolonialidade, as questões de raça e de gênero se tornaram também recentemente temáticas abordadas pela Ciência da Informação, demonstrando o seu interesse em ouvir as vozes dos sujeitos subalternizados na sociedade contemporânea e entender suas práticas informacionais.

5 CRÍTICAS AO PENSAMENTO PÓS-MODERNO E À RELATIVIZAÇÃO DA VIDA

Se com o viés pós-moderno a Ciência da Informação pôde, por um lado, se estabelecer como ramo do saber necessário para controlar “a explosão informacional” vivenciada em meados do século passado e oferecer reflexões teóricas e aplicações que facilitassem a vida dos sujeitos em plena Sociedade da Informação, por outro, fez com que ela tivesse que lidar com as consequências que tal corrente do pensamento trazia para o jogo político-ideológico em desenvolvimento e marcado pelas necessidades do capitalismo informacional que estava se formando.

Cabral (1992) já alertava para os problemas que um cenário pós-moderno poderia causar na relação entre países ricos e pobres. Enquanto que para os países ricos era possível manter intacta sua hierarquia nas dinâmicas econômicas globais, investindo na produção de mercadorias, desenvolvendo tecnologias de informação e comunicação e ampliando a atuação de universidades, laboratórios e instituições culturais, para os países pobres seriam pouco otimistas as mudanças de ascender na mesma hierarquia, pois “[...] tudo [indicaria] que a tendência é a de ser alargada ainda mais a defasagem que os separa dos países do 1º Mundo, estes sempre dirigindo esforços para manter o controle e o domínio das informações.” (Cabral, 1992, p. 218).

Ou seja, já era de se esperar que ao se tornar também mercadoria e “insumo básico da sociedade” que o acesso, o uso e a distribuição da informação também se adequassem aos interesses do capitalismo, evidenciando-se, por exemplo, no controle informacional sobre o desenvolvimento técnico-científico, que mantém os países do capitalismo central à frente na corrida tecnológica e industrial, e também, mais recentemente, na ascensão de grandes monopólios econômico-financeiros que se formam e se estabelecem por meio da coleta massiva, da venda e da utilização estratégica de dados pessoais gerados pelo acesso e uso da Internet.

Outro efeito drástico das estruturas pós-modernas pode ser influência do extremo relativismo trazido pelas correntes de pensamento que o moldaram. Este relativismo característico do pensamento pós-moderno assumia uma posição em prol da destronização do saber científico, considerado imperialista e opressivo (Della Fonte, 2022, p. 80), e a encaminhando à aceitação de que outros saberes (culturais, religiosos, filosóficos) são

igualmente válidos para explicar o real, permitindo, por exemplo, um avanço junto a grupos considerados minoritários (mulheres, indígenas, pessoas negras, LGBTs) que puderam, a partir de então, ter suas vozes ouvidas e suas cosmovisões tornadas relevantes.

Entretanto, tal relativização, apesar de aparentemente benéfica para a sociedade, ocasionou pelo menos dois problemas: a crescente subsunção do debate identitário aos interesses do capital e a ascensão de movimentos reacionários de base conservadora e também defensora dos interesses do capital. De acordo com Vendramini e Frizzo (2022, p. 149), isso se deu porque a corrente pós-moderna abandonou por completo a possibilidade de projetos de emancipação coletiva e passou a assumir o sistema capitalista como o “mundo moderno” do qual é impossível escapar, sendo necessário que se adote “[...] uma forma de consciência social adaptável à insegurança, incerteza, fluidez, bem como à salvação individual e aceitação de um mundo ‘desigual eternamente’.”

Em relação ao debate identitário, Vendramini e Frizzo (2022, p. 150) enfatizam o fato de que o pensamento pós-moderno contribuiu para o sequestro de pautas relacionadas a questões como raça, gênero, sexualidade e religião, fragmentando-os em identitarismos liberais e desarticulando-os de maneira que a “[...] variedade das lutas, valiosas por si mesmas, não [conseguissem] construir uma frente comum que as agrupassem organicamente contra o capitalismo.” Essa desarticulação é resultante direta da falta de um horizonte emancipatório que abranja a totalidade da vida material, resultando numa falta de aprofundamento sobre a análise das origens e da continuidade das opressões que afetam tais grupos, ignorando a luta de classes das quais são resultantes. Neste cenário, os ganhos se restringem a posições no mercado, satisfazendo-se com mais cargos de chefia para mulheres, mais pessoas LGBTs na televisão ou mais produtos feitos para cabelos crespos, ou seja, satisfazendo-se em manter a lógica capitalista e mais: associando-se a ela.

No outro caso, o do aumento dos movimentos reacionários, Della Fonte (2022, p. 88) afirma que dentre os diversos fatores que ajudaram a geri-los e a evidenciá-los, os pressupostos pós-modernos podem ser destacados dentre os principais, uma vez que, quando esses “[...] são levados às últimas consequências, o fortalecimento não é das vozes minoritárias e invisibilizadas [...], mas das posições conservadoras que se mantêm tão legítimas como quaisquer outras e sem poderem ser submetidas à crítica a partir da objetividade social.”

Pode-se tomar como exemplo as disputas políticas e ideológicas vivenciadas nos últimos anos. A cooptação dos desgostos da classe trabalhadora pela classe dominante e seu direcionamento contra os grupos minoritários e seus interesses, que acabou por gerar uma sequência de atos cuja presença virtual colocou em evidência o fato de que se qualquer opinião é aceita como verdade, o pensamento conservador, reacionário e muitas vezes fascista deve também ser considerado uma possibilidade dentre tantas existentes no mundo.

O problema é que associado ao poder informacional dos grandes monopólios capitalistas tal pensamento teve a capacidade de se espalhar com maior facilidade sem nem sequer utilizar-se de argumentos sérios e pautados na realidade. Fenômenos como *fake News*, pós-verdade, negacionismo científico e descrédito generalizado das instituições científicas se tornaram ferramentas ideológicas poderosas na proliferação de posições políticas genocidas e antidemocráticas.

Dessa forma, a desigualdade informacional, o sequestro de pautas e a ascensão de movimentos conservadores põem em xeque o apego da Ciência da Informação aos ditames pós-modernos e de seus desenvolvedores, devendo assumir uma posição diante do jogo

político dele resultante, de maneira que ou continue em sua defesa e tente, por meio dele, reverter essa realidade, ou assumir uma posição mais radical que a permita se compreender como Ciência Social capaz de pensar e pôr em prática uma práxis transformadora de base informacional.

6 O PENSAMENTO MARXISTA COMO POSSIBILIDADE DE PROPOSIÇÃO DE UMA PRÁXIS TRANSFORMADORA DE BASE INFORMACIONAL

Para se construir uma práxis transformadora de base informacional, é necessário que a Ciência da Informação passe a assumir uma abordagem mais crítica de seu objeto, de seus métodos e de sua prática. Essa abordagem crítica deve possibilitar a superação das contradições pós-modernas sem regredir rumo ao positivismo, ao mesmo tempo em que toma como base epistemológica uma corrente do pensamento que permita compreender a totalidade da realidade e, a partir da realidade concreta, propor sua transformação. Aqui propõe-se recorrer ao pensamento marxista, entendendo-o neste texto como a complexa rede teórica-epistemológica desenvolvida por Marx e Engels e por seus sucessores.

Na Ciência da Informação brasileira, o pensamento marxista, ainda está em processo de apropriação teórica, podendo-se destacar, por exemplo, que até 2015 era possível perceber que autores como Marx, Engels e Lukács eram praticamente ignorados na literatura corrente da área (Schneider, 2015). De acordo com Schneider (2015), tal situação acaba por deixar de fora do campo de visão da Ciência da Informação “[...] um vasto continente de reflexões, independentes ou articuladas, sobre ética, política e epistemologia, que, [em seu entender], poderiam em muito contribuir para o amadurecimento do campo em um sentido menos instrumental.”

Isso porque o marxismo é uma corrente do pensamento moderno que tem como referências fundadoras as obras dos sociólogos alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), que objetivavam, através das suas obras, analisar o sistema capitalista, sua estrutura e seus mecanismos, e propor meios para que a classe trabalhadora pudesse unir-se para estabelecer uma nova ordem social de maneira a superar tal sistema e estabelecer uma sociedade mais justa, igualitária e livre da exploração do ser humano pelo ser humano.

A primeira contribuição do pensamento marxista à Ciência da Informação poderia ser a necessidade de se analisar criticamente a proposição da chamada Sociedade da Informação, buscando entender que, para além de um advento inevitável e benéfico para todos, tal conceito de sociedade “[...] mascara como o modo infocomunicacional dominante está mais baseado no comércio globalizado e no paradigma tecnológico do que na efetiva pluralidade de conteúdos, na democratização das plataformas ou na universalização dos acessos.” (Figueira; Schneider, 2018, p. 19).

Ou seja, para além de uma celebração não reflexiva do messiânico “advento da Sociedade da Informação”, a partir do pensamento marxista se tornaria possível compreender seus fundamentos ideológicos, suas relações com os projetos de manutenção da dominação da burguesia sobre a classe trabalhadora e quais os seus verdadeiros contributos para a melhoria da sociedade como um todo, se é que realmente existem.

Essa nova visão sobre a Sociedade da Informação não apenas forneceria uma nova perspectiva sobre o contexto em que está inserida como romperia com o próprio mito fundador da Ciência da Informação. Rompido este mito, a segunda contribuição poderia

estar relacionada ao entendimento da própria Ciência da Informação sobre si mesma, pois, de acordo com Schneider (2015, p. 9), “[a] partir de uma epistemologia marxiana, a ciência deve ser entendida como um permanente processo de desvelamento emancipatório das contradições opressivas do real histórico e do real lógico.” E este desvelamento pode se revelar pelo menos em três níveis: no entendimento sobre o seu objeto de estudo, na escolha do método a ser adotado e na práxis a partir dela desenvolvida.

Quanto ao entendimento de seu objeto de pesquisa, pode-se iniciar pensando na possibilidade de a informação, assumida aqui como objeto de estudo da Ciência da Informação, passar a ser analisada sob uma ótica materialista, possibilitando retirar de sua concepção toda a reificação a ela atribuída, assim como reumanizá-la. Apesar de considerado “um ponto cego no pensamento marxista” (Dantas *et al.*, 2022), ainda assim é possível encontrar no pensamento de Marx, Engels e seus sucessores pistas para se formar um entendimento de informação a partir de uma base materialista histórico-dialética.

Uma dessas pistas pode ser a ideia de como se dá a construção de conceitos, Marx (2015) mostra que não são eles que geram a totalidade da realidade (como acreditavam os idealistas), mas pelo contrário eles são o resultado “[...] da síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade.” Assim, por analogia, também a informação, seja proferida por um sujeito, transformada em material bibliográfico ou traduzida em códigos legíveis por computador, não existe em si sem a realidade em que está inserida e sem os sujeitos que a ela deram vida. Ela é, dessa forma, produto do trabalho humano (Souza Júnior, 2014), não sendo ela quem dá forma às coisas (concretas ou abstratas), mas o ser humano que a ela produz.

Assumir esse posicionamento, permite compreender que a produção, a circulação, a distribuição e até mesmo a supressão de ideias e de informação na sociedade e, mais especificamente, na sociedade capitalista não se dá de forma neutra, mas visa atender a interesses de classe, principalmente da classe hegemônica. Isso acontece porque, de acordo com Marx, a classe que detém os meios de produção material é a mesma classe que detém o poder sobre os meios de produção espiritual, ou seja, de formação ideológica e, crê-se aqui, informacional dos sujeitos (Grespan, 2021).

Para superar tal realidade, é necessário resgatar a obra de pensadores marxistas, como as do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto e do sociólogo Ricardo Antunes, assim como de pesquisadores da área da Ciência da Informação como Ana Amélia Lage Martins, Marcos Dantas, Marcos Schneider, Gustavo Saldanha, Rodrigo Moreno Marques e Arthur Coelho Bezerra, que já tentam vincular análises sobre a questão informacional ao que vem sendo desenvolvido ao longo da história da tradição marxista.

Tomando a obra de Vieira Pinto (2005) como exemplo, pode-se destacar seu livro “O conceito de tecnologia: volume II”, em que o filósofo destina um capítulo para tratar de “Problemas Gerais da Informação”, no qual desenvolve discussões sobre o funcionamento da informação, sobre a natureza da informação e sua relação com a consciência, e sobre a necessidade de superar a suposição ingênua de que a informação é o motor da história e o determinante das relações sociais. Já como exemplo de autores da própria área da Ciência da Informação, o livro “O valor da informação” de Marcos Dantas (2021) pode ser tido como um representativo contemporâneo na grande área da Comunicação e da Informação no Brasil, quando o objetivo é discutir os fenômenos informacionais sob uma perspectiva marxista.

A partir dessa virada teórica, é possível adotar o método histórico-dialético desenvolvido por Marx e Engels como método de pesquisa na Ciência da Informação. Além disso, termos caros à tradição marxista como “alienação”, “mercadoria”, “capital”, “fetichismo”, “crises econômicas”, “ideologia” e “revolução” podem ser transportados para a Ciência da Informação gerando novas perspectivas sobre problemas informacionais antigos e recentes. Dentre esses problemas, pode-se destacar: o surgimento do infoproletariado, os fenômenos das *fakes News* e da pós-verdade, a educação para a informação no século XXI, as implicações das novas tecnologias da comunicação e da informação no cotidiano, e disputas de narrativas entre os grupos hegemônicos e subalternizados.

E, por fim, ao compreender a informação e se propor estudos informacionais sob uma perspectiva teórico-metodológica de base marxista, torna-se possível começar a se pensar para a Ciência da Informação o protagonismo na proposição e na construção de uma práxis transformadora de base informacional. Tal práxis, segundo Cabral (1992, p. 220), demandaria do profissional da informação a necessidade de se dispor

[...] a adotar uma postura de agente transformador, dirigindo seu trabalho no sentido de acionar e promover mudanças na sociedade, através de políticas de conteúdo emancipatório, que propiciem aos cidadãos fazer suas escolhas e opções, exercer plenamente seus direitos de cidadania e assumir a liderança de movimentos reivindicatórios inseridos em projetos sociais mais amplos.

Desta maneira, longe de aceitar sem refletir e, conseqüentemente, se associar aos ditames e aos interesses de exploração do capitalismo, a Ciência da Informação orientada pelo pensamento marxista poderá dar nova identidade e novos objetivos aos profissionais da informação. Estes poderão se ver novamente como trabalhadores informativos e, se se reconhecerem como trabalhadores, poderão dirigir-se a associar à classe trabalhadora em geral, em sua diversidade e unidade, lutando, como prossegue Cabral (1992), para “[...] alcançar a descolonização no domínio da informação e [buscar] os caminhos de uma nova ordem informativa mais justa e equilibrada [...]”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma relação efetiva entre a Ciência da Informação e o pensamento marxista se evidencia ainda como um caminho longo, árduo e cuidadoso pelo qual as pessoas que pesquisam na área precisam tomar, caso estejam preocupadas em propor, por meio de suas teorias e aplicações, uma práxis transformadora de base informacional.

Isso acontece porque, como demonstrado acima, a Ciência da Informação adotou ao longo da história posições, que, mesmo de base crítica, ainda assim não estavam aptas a ir além das estruturas hegemônicas que permeiam as sociedades capitalistas. Com o intuito de encontrar sua cientificidade e institucionalidade tais posições acabavam por alinhar a agenda científica da Ciência da Informação aos interesses das classes dominantes e a afastar de uma ruptura concreta contra seu método de exploração da classe trabalhadora.

O pensamento marxista, tanto desenvolvido por Marx e Engels como pelos seus sucessores, pode ser utilizado como uma referência teórica, epistemológica e metodológica capaz de reverter essa situação. Como demonstrado acima, apesar de que ainda de forma conjectural, por meio do pensamento marxista é possível reumanizar a informação, compreendendo-a como fruto do trabalho humano, e pôr em xeque projetos de sociedade

que mais favorecem a grupos hegemônicos do que a totalidade da humanidade. Com o pensamento marxista, é possível, portanto, propor para a Ciência da Informação além de novas perspectivas de investigação, uma práxis transformadora de base informacional.

O caminho traçado aqui ainda é curto em relação ao empreendimento que significa aproximar a Ciência da Informação ao pensamento marxista, mas é necessário. Recomenda-se que sejam aprofundados e incentivados estudos das obras de Marx, Engels e de seus sucessores para compreender as relações entre informação, trabalho, capital, exploração e emancipação. E que tais estudos desvelem não só em avanços teóricos, mas também na união no mundo inteiro dos trabalhadores da informação com a classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Positivismo. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é a Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

CABRAL, Ana Maria Rezende. Sociedade pós-moderna: o poder da informação, o poder de informação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 213-223, jul./dez. 1992. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/37336>. Acesso em 10 jul. 2023.

DANTAS, Marcos *et al.* **O valor da informação**: de como o capital se apropria do trabalho social na era do espetáculo e da internet. Rio de Janeiro: Boitempo, 2022.

DELLA FONTE, Sandra Soares. A sobrevida da agenda pós-moderna e seus malabarismos teórico-políticos. **Germinal**, Salvador, v. 14, n. 3, p. 73-94, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/51502/28267>. Acesso em 10 jul. 2023.

DICIONÁRIO do pensamento marxista. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

FIGUEIRA, Monique; SCHNEIDER, Marco. Ciência da Informação, Marxismo e população em situação de rua. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina, PR. **Anais [...]** Londrina: UEL, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/124712>. Acesso em 10 jul. 2023.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Uma realidade pós-moderna para a informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 100-107, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/47893>. Acesso em 10 jul. 2023. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/47893>. Acesso em 10 jul. 2023.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo; FREIRE, Isa Maria. **Introdução à Ciência da Informação**. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. Disponível em:

<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/download/242/561/3017-1?inline=1>. Acesso em 10 jul. 2023.

GRESPLAN, Jorge. **Marx**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2021.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858; esboços da crítica da economia política. Rio de Janeiro: Boitempo, 2015.

SALDANHA, Gustavo. **Ciência da Informação**: crítica epistemológica e historiográfica. Rio de Janeiro: IBICT, 2020. Disponível em:
https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1101/1/SaldanhaGustavo_CI_CriticaEpistemologicaHistoriografica_2020a.pdf. Acesso em 10 jul. 2023.

SCHNEIDER, Marco. Referências cruzadas 2: Marx e a Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais [...]** João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em:
<https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/908/1/3063-6711-1-PB.pdf>. Acesso em 10 jul. 2023.

SOUSA, Antonio Gouveia de *et al.* Pós-modernidade, complexidade e suas nuances na Ciência da Informação. **Logeion**: filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 65-81, mar./ago. 2022. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5878/5531>. Acesso em 10 jul. 2023.

SOUZA JÚNIOR, Hormindo Pereira de. Acerca da perspectiva ontológica que matriza a Teoria Social Marxiana e a produção e a reprodução social dos conhecimentos. *In*: MARQUES, Rodrigo Moreno *et al.* **A informação e o conhecimento sob as lentes do marxismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014. p. 135-148.

VENDRAMINI, Célia Regina; FRIZZO, Giovanni. As implicações da ideologia pós-moderna nas lutas e na organização da classe trabalhadora. **Germinal**, Salvador, v. 14, n. 3, p. 73-94, p. 145-159, dez. 2022. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/51509/28270>. Acesso em 10 jul. 2023.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Volume 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

WERSIG, Gernot. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Information processing & management**, [s. l.], v. 29, n. 2, p. 229-239, 1993.